

À

Comissão do Redesenho Institucional (CORI)

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Proposta para criação do

INSTITUTO DE CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA

No que se segue, tentaremos demonstrar a importância, a relevância e a necessidade da criação, em nossa universidade, de um instituto bastante específico. Tentaremos elencar um conjunto de argumentos que, em nosso entender, ultrapassam largamente os limites das articulações corporativas e dos temores quanto ao futuro que muitas vezes têm impedido que nossa universidade avance a passos mais largos para ocupar a posição de destaque que lhe cabe no cenário da educação superior, da pesquisa científica, da produção e difusão de conhecimento em nosso país e em âmbito internacional.

Não é necessário descrever a importância que a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo tem, ao longo de sua história, no ensino superior e na sociedade brasileira. O que tem-nos sido difícil admitir é a dimensão dos desafios que nos coloca a sociedade contemporânea, segundo os rumos que a cultura e a produção de conhecimento tomaram a nível nacional e global. A dinâmica intensa destes rumos tem se dado, sobretudo, em virtude da vertiginosa rapidez do avanço tecnológico.

Cabe notar, também, que esta proposta não nasce agora do nada, mas representa um amadurecimento, fruto de discussão contínua, do projeto do **Instituto de Interfaces Tecnológicas**, apresentado já anteriormente pelos mesmos signatários deste projeto.

I. A centralidade tecnológica no cenário contemporâneo

Nascidas do esforço de guerra, na luta pela hegemonia militar global, as tecnologias digitais foram pouco a pouco transferidas para o âmbito da sociedade civil, agenciando transformações econômicas, sociais, e culturais que se processam num ritmo nunca antes conhecido pelas sociedades modernas. Será preciso reiterar que as próprias noções de espaço e

tempo que ordenam nosso cotidiano foram transformadas pelo impacto da Internet em nosso modo de vida?

As novas gerações dificilmente conhecerão a experiência de se enviar uma carta pelo correio a um amigo distante: aplicativos de mensagens instantâneas já provêem, em tempo real, comunicação em imagem e som, entre praticamente quaisquer dois (ou mais) lugares do planeta; cartões dotados de chips substituem progressivamente o uso do dinheiro, movimentando as contas bancárias dos cidadãos comuns, em bancos cujo atendimento é feito em caixas eletrônicos cada vez mais sofisticados – quando a conta não é movimentada pela Internet; para o grande capital, volátil e globalizado, sem nome e sem fronteiras, e que trafega em segundos de Tóquio a São Paulo, foram também as redes digitais os agenciadores das grandes transformações da economia batizada, de modo discutível, “globalizada” – discutível porque nunca o afluxo de riquezas aos grandes centros econômicos mundiais e às grandes corporações foi tão veloz e intenso como no cenário contemporâneo; do mesmo modo, a produção e circulação de conhecimento assumiu intensidade crescente, pelas articulações em rede, pelo acesso às publicações eletrônicas, pelo acesso a bibliotecas virtuais etc.; e se seria simplista tomar tal dinâmica de circulação de informação como a principal agente na crescente interdisciplinaridade demandada pelo conhecimento contemporâneo -- na medida em que tal interdisciplinaridade resulta da impossibilidade do modelo do conhecimento disciplinar responder às exigências de uma sociedade cada vez mais complexa --, certamente as redes e recursos digitais têm sido seu principal suporte.

Podemos ainda notar que, hoje, “all science is computer science”, na medida mesma em que toda a produção de conhecimento depende, em maior ou menor medida, de computadores e bancos de dados digitais – muitas vezes gigantescos -- bem como da capacidade de manipulação desses dados pelos computadores. Em síntese, para não sermos redundantes, é preciso reconhecer que quando uma tecnologia permeia todas as relações sociais, desde os afetos (fala-se mesmo em “sexo virtual” já há mais de uma década), o lazer (a indústria dos jogos digitais movimenta hoje valores mais altos do que a indústria cinematográfica) e o ensino, até a tecnologia de guerra (os soldados enviados pelo exército norte-americano ao Iraque são treinados em gigantescos sistemas de simulação desenvolvidos com o apoio da indústria de jogos digitais), há um fenômeno sem paralelo na história: as tecnologias digitais estão no cerne da dinâmica das sociedades contemporâneas.

Tendo em vista este cenário – que pode ser descrito de inúmeras maneiras, para a mesma constatação da centralidade da mediação tecnológica no presente --, apresentamos a seguir uma

proposta de instituto. Tal instituto, em nosso modo de ver, pode permitir à nossa universidade, neste momento em que busca, por meio de um redesenho institucional, posicionar-se adequadamente em relação às novas demandas da sociedade. Vislumbramos um **Instituto de Convergência Tecnológica**. Nos próximos parágrafos, descrevemos as possibilidades abertas por tal instituto e os argumentos que nos parecem fortalecer esta proposta.

II. Descrição do Instituto de Convergência Tecnológica

1. Responsabilidades do Instituto

Será responsabilidade deste instituto a **atualização tecnológica** permanente da universidade, por meio de **produção de conhecimento, formação e capacitação de profissionais, estabelecimento de projetos e parcerias** (locais e internacionais) que garantam à PUC-SP como um todo não apenas o **aparelhamento tecnológico adequado** para o uso no ensino, para o **desenvolvimento de redes internas administrativas e/ou serviços diversos**, mas também nos permitam sempre **estar antecipando os cenários emergentes e fomentando a prospecção de novas alternativas tecnológicas** para a universidade e para as novas configurações de cidadania e sociedade que emergem sob o impacto das tecnologias de mediação e das relações humano-máquina.

É bom notar que não se pleiteia exclusividade ao instituto para estas iniciativas: o que se propõe é que **haja um núcleo interdisciplinar de excelência em pesquisa, inovação e política de convergência tecnológica, capaz de prover a base tecnológica para toda a universidade, prover a capacitação funcional e docente para o emprego dos recursos tecnológicos, bem como dar suporte e garantir o êxito e as melhores soluções para quaisquer projetos que, a partir de quaisquer institutos da PUC-SP, envolvam a mediação tecnológica.**

2. Graduação, extensão e pesquisa interdisciplinar

Neste instituto estariam alocados os **cursos de viés interdisciplinar e tecnológico**, desde a graduação (Tecnologia e Mídias Digitais; Jogos Digitais), à extensão (Estética Tecnológica e Jogos Digitais, já aprovados, bem como uma extensão em Design Instrucional) e à pós-graduação estrito-senso (TIDD, programa de estudos pós-graduados em Tecnologias da

Inteligência e Design Digital), bem como a Assessoria de Políticas Tecnológicas (APT) da universidade.

A partir deste núcleo, o Instituto manteria interfaces para outros cursos e institutos, **abrigoando e dando suporte tecnológico e técnico às pesquisas advindas de outras áreas e institutos da universidade que tenham perfil interdisciplinar ou busquem desenvolver este caráter**, bem como dando suporte a iniciativas de inserção social do universidade que tenham como principal agente -- ou como um de seus agentes -- a mediação tecnológica (redes, web-sites para projetos sociais de que a universidade participe, soluções de mediação tecnológica para diferentes comunidades e situações etc.).

3. Porque a criação deste instituto é estratégica para a PUC-SP?

Apresentada assim, sabemos, pela nossa experiência nesta casa, que esta proposta pode ser questionada de muitas maneiras. O modo peculiar como têm se dado as coisas entre nós leva a que se possa levantar todo o tipo de indagações sobre as intenções que possam estar abrigadas numa proposta como esta que apresentamos. Gostaríamos de dirimir tais dúvidas apontando alguns argumentos que sustentam a necessidade de um tal instituto:

-- Em primeiro lugar, **cursos notadamente marcados pela interdisciplinaridade, que não têm área definida pelo MEC não podem ficar abrigados em Institutos Disciplinares**: isto seria um contra-senso. Estes cursos representam o empenho da universidade em colocar-se na prospecção do contemporâneo a partir do reconhecimento da centralidade da mediação tecnológica no mundo contemporâneo, tomada sob enfoque interdisciplinar;

-- Temos, no exterior **inúmeros exemplos**, em grandes universidades ou atuando do modo autônomo, de institutos interdisciplinares vinculados à questão da mediação tecnológica: **WAAG (Amsterdam); McLuhan Centre (University of Toronto); Media-Lab (MIT), ICAM (University of Califórnia, San Diego -- UCSD)** e muitos outros. Tais institutos têm como meta atender precisamente aos objetivos desta proposta: reunir num mesmo espaço acadêmico a pesquisa interdisciplinar e a experimentação com novas tecnologias, com vista à sua aplicação em diferentes processos – inclusive na própria universidade;

-- **abrigar num mesmo instituto a APT e os cursos e processos de pesquisa relacionados à mediação tecnológica significa manter a política tecnológica da universidade próxima à pesquisa.** A pesquisa deve municiar as decisões da APT (que já vem prestando excelente serviços à universidade), e estimulá-la para que esteja sempre adiante – este, afinal, é um dos papéis da pesquisa, e é paradoxal que a universidade não possa empregá-la em seu próprio proveito, ao invés de “exportar” para a concorrência profissionais altamente qualificados, que encontram fora da PUC melhores condições de trabalho e até de pesquisa nesta área. **São pesquisadores em contato com os mais importantes institutos similares, nos centros mais avançados do mundo -- podendo, inclusive, fazer acordos internacionais para o interesse de toda a PUC-SP.** É um contra-senso que estes pesquisadores não possam partilhar com a instituição aquilo que têm testemunhado em centros de excelência em países tecnologicamente mais avançados que o nosso;

-- reunir, num mesmo centro interdisciplinar, diferentes iniciativas que, na PUC-SP, vêm buscando as possibilidades abertas pela mediação tecnológica significa **otimizar recursos e partilhar conhecimentos numa área de grande importância estratégica para o futuro da universidade;**

-- há concorrentes investindo fortunas em parques tecnológicos, sem a condição de pesquisa e prospecção que temos; uma política tecnológica aliada à pesquisa pode ser de enorme importância não apenas em âmbito interno da PUC-SP -- **fazer com que as coisas funcionem, ter todo o tipo de aparato à disposição para uso em pesquisa e em sala de aula --,** mas também para a **imagem da universidade na sociedade e no mercado. A excelência da PUC-SP apoiada por uma política ousada e consistente de prospecção e implementação tecnológica constante;**

-- por fim, **dada a velocidade com que se processam hoje as mudanças tecnológicas, a universidade não pode confinar o trâmite das soluções às demandas tecnológicas que, mais e mais, vão se impor ao cotidiano das grandes metrópoles e à cultura contemporânea como um todo, a um departamento ou instituto que não tenha a agilidade para a tomada de decisões exigida pelas sociedades tecnológicas.** Somente um instituto autônomo, e de proporções relativamente pequenas, pode dispor da agilidade para agir, reagir e propor alternativas para a PUC-SP -- e para a sociedade -- na velocidade demandada pelas transformações tecnológicas contemporâneas: trata-se, na verdade, de um setor estratégico para todos os cursos da universidade;

Muitos outros argumentos poderiam ser aqui elencados. Entretanto, nos parece que àqueles dentre nós que são sensíveis às questões aqui levantadas podem compreender o alcance e a relevância desta proposta a partir da exposição pontual acima. A título de conclusão gostaríamos de reiterar, à CORI e à Comunidade Puquiense que um **instituto como este não é um capricho: é uma necessidade estratégica para a PUC-SP**. O futuro da universidade reclama que a tradição de excelência em ensino e pesquisa desta universidade seja apoiada por uma política ousada e consistente de prospecção e implementação tecnológica. Este é o futuro (e o presente) das sociedades, e o caminho para a inserção da PUC-SP num diálogo global, nas condições que a dinâmica contemporânea demanda. Ignorar estas necessidades é persistir em erros que têm desperdiçado recursos e energia desta casa. Atendê-las, por outro lado, significa dispor de um centro dinâmico, com capacidade de -- com a licença da expressão -- “turbinar” a nossa universidade de modo a recolocá-la em condições de exercer seu papel de destaque na sociedade brasileira.

Com os melhores votos de êxito para nossa casa, em sua transição para o presente e o futuro,

São Paulo, 13 de setembro de 2007,

Prof. Dr. Sérgio Roelaw Basbaum

Profa. Dra. Maria Lucia Santaella Braga